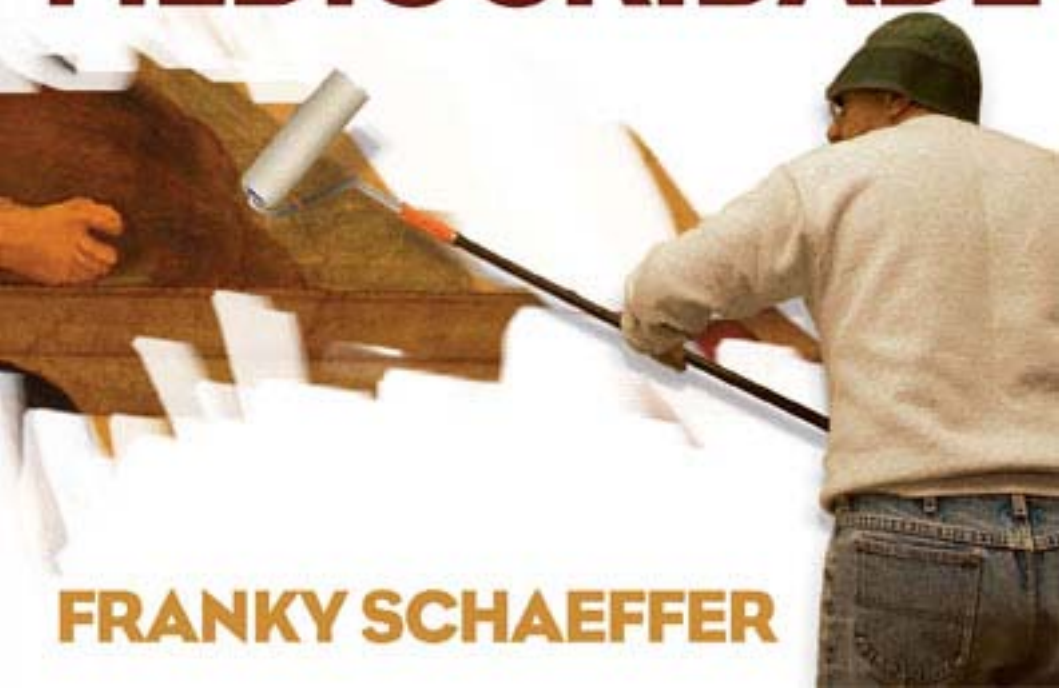




VICIADOS EM MEDIOCRIDADE



FRANKY SCHAEFFER

VICIADOS EM MEDIOCRIDADE

Edição Teaser - Internet

*Esta não é a última versão dos primeiros capítulos e serve para
você começar a se familiarizar com a obra!*

*Pode ser distribuída livremente, desde que sem alteração e
citando a fonte: www.w4editora.com.br*

Para Genie, minha esposa,
a quem eu amo e de quem eu gosto.

Sua vida é uma obra de arte em si,
sua amizade paz em um mundo atribulado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer minha esposa Genie e meus três filhos, Francis, Jessica e John, por me proporcionarem um lar e um ambiente que estimulam a criatividade, o amor e a beleza. Sem eles este livro ou qualquer outra obra criativa que faço, não existiriam.

A vida inteira de meu pai dedicada ao estudo e à reflexão forneceu, no transcorrer de minha vida, uma base maravilhosa para a discussão de idéias e a consideração de possibilidades. Sem sua obra como fundamento, provavelmente não teria escrito este livro. Como pintor e cineasta, sou grato pelo modo como meu pai tem me ensinado a "ver". Minha mãe sempre foi (e é) um abrigo de interesse, amor e apoio criativos. Ambos têm meu amor e minha gratidão eternos.

Também quero agradecer Jim Buchfuehrer, meu sócio, amigo e produtor por sua amizade, apoio e pelas intermináveis conversas estimulantes que temos tido nos últimos anos. Sua amizade e diálogo têm sido de valor inestimável para o desenvolvimento das idéias deste livro.

Muito obrigado ao meu bom amigo Ray Cioni, com quem tenho passado muitas e muitas horas

agradáveis de trabalho em vários projetos de filmes e outras iniciativas legais. Sua compreensão do processo criativo e de suas peculiaridades tem me ajudado a formar o conteúdo expresso nestas páginas.

Kurt Michell merece um agradecimento especial pela capa maravilhosamente criativa e pelas ilustrações deste livro. Sua perspicácia visual complementa o texto de maneira perfeita.

Gostaria de reverenciar a memória do Dr. Hans Rookmaaker, pelo estímulo e o encorajamento que me deu durante os anos em que comecei a pintar. Nossos papos e o seu apoio às minhas iniciativas artísticas desde a minha infância foram uma constante fonte de auxílio. Ao escrever este livro tenho sentido muitas saudades de tê-lo por perto para ligar e pedir conselhos e orientação, e de sentir o prazer de desfrutar de sua amizade.

Por fim, gostaria de agradecer a Susie Skillen por seu auxílio na edição revisada de 1985 deste livro.

Sempre que cristãos, evangélicos em particular, tentaram "alcançar o mundo" por meio da mídia - TV, filmes, propaganda etc - o público que pensa tem a idéia de que, assim como a sopa de um restaurante ruim, o cérebro dos cristãos ficaria melhor se não fosse mexido.

As razões para essa situação lamentável são muitas. Este livro não tenta lidar com todas elas. No entanto, tenho apontado uma área em particular que tem tido enorme influência sobre a nossa habilidade como cristãos de dialogar com o mundo ao nosso redor. Ainda mais importante, falo ainda sobre nossa habilidade de verdadeiramente desfrutarmos da presença de Deus e de outras pessoas.

Essa é a área de apreciação, atividade, pensamento e ação que livremente descrevo como "artes".

Quando digo "artes" não me refiro somente às "artes nobres", mas a toda extensão da expressão humana - do modo como decoramos nossas casas até Davi de Michelangelo, da carta escrita da maneira mais simples até os textos de William Shakespeare.

Como cristãos quase sempre pensamos nos homens como "feitos à imagem e semelhança de Deus". Essa fórmula é somente um apanhado de

palavras até que receba significado e definição mais profundos. Se há uma área que verdadeiramente distingue o homem do restante do reino animal e dá sentido a essas palavras "feito à imagem de Deus" é a criatividade, a capacidade de apreciar a beleza e de se comunicar artisticamente por meio de idéias abstratas.

Portanto, criatividade não se trata de um detalhe sem importância para a vida cristã. Ao contrário, é algo essencial. O problema é que grande parte da igreja tem esquecido o quanto essa parte de nossa vida é importante. Ao agir dessa maneira, tem se tornado pobre e limitada na apreciação de si mesma, de seus semelhantes e do próprio Deus. É na esperança de que este problema possa ser abordado e corrigido que ofereço a você este livro.

Desejo particularmente que aqueles que possuam habilidades criativas ou interesse pela criatividade e que tenham sido consistentemente ignorados pela igreja encontrem encorajamento nesta obra.

Permita-me chamar sua atenção para a estrutura deste livro. Primeiro, temos os capítulos denominados "Parte Um". Segundo, a seção de Perguntas e Respostas, denominada "Parte Dois". Ambas formam um todo e são igualmente importantes para a argumentação nele proposta.

Franky Schaeffer V

Até a volta de Cristo e a restauração de todas as coisas, esse grupo de crentes conhecido no correr da história como a igreja de Cristo nunca alcançará a perfeição.

Toda época tem seus pontos cegos, seus "gargalos" de intolerância, algumas gerações na história da igreja mais que outras. A eficácia da igreja no mundo é diretamente proporcional à extensão desses seus pontos cegos.

Cada geração na história da igreja tem seus próprios pontos cegos, peculiares à era na qual viveram. Isso se deve normalmente a algum tipo de adaptação inconsciente ou à infiltração de problemas da sociedade ao redor da igreja dentro dela mesma. Por exemplo, pode-se concluir que certas idéias pró-aborto que determinados grupos da igreja sustentam sejam resultado direto da infiltração sofrida por parte da igreja de uma visão diminuta da vida humana na atualidade, oriunda da sociedade ao seu redor.

Infelizmente, na maioria das vezes a igreja parece torcer e manipular os ensinamentos bíblicos, normalmente fora de contexto, a fim de apoiar visões seculares de seu tempo e que ela já sustenta. Esta aceitação muitas vezes acontece por questão de

conveniência e pelo desejo de encaixar-se sem muito desconforto à cultura que a rodeia. Esta infiltração às vezes ocorre de maneira inconsciente e por um longo período de tempo. A igreja é também enfraquecida por dentro. Ela quase sempre estabelece suas próprias tradições humanas em oposição à verdade bíblica.

Inevitavelmente, o preço pago por essas infiltrações (por dentro e por fora) é o impedimento de a igreja assumir suas responsabilidades.

Ainda que a igreja ofereça um estudo interessante a partir do qual podemos obter muitas lições valiosas, é inútil lamentar o passado se não estamos dispostos a examinar os pontos cegos de nosso próprio tempo e que nos impedem de sermos cristãos efetivos.

As artes, as iniciativas culturais, a apreciação da beleza da criação de Deus e da criatividade humana, esses dons criativos têm sido relegados em nossos dias a um canto qualquer de nossa consciência cristã. São completamente desprezados por muitos e ainda rotulados de não-cristãos e nada espirituais. Essa deficiência tem sido a causa de muitos sentimentos de culpa desnecessários e de muitos frutos amargos, nos fazendo perder contato com o mundo que Deus criou, com a cultura na qual vivemos, e nos tornando inúteis nesse ambiente cultural.

Sustentada pelo ensino bíblico, o melhor da visão da igreja afirma que as artes, a criatividade, a apreciação de nossa própria criatividade, a criatividade das pessoas ao nosso redor - em suma,

toda a beleza que Deus colocou em nossa vida - é um dom gracioso e benéfico que vem do nosso Pai Celestial. As artes, a apreciação que fazemos delas, todas essas expressões da criatividade humana e a habilidade de comunicar, não precisam de justificativa, seja ela espiritual ou utilitária. Elas são o que são.

Se a partir deste mundo ao nosso redor podemos aprender algo acerca do caráter de Deus, certamente é que ele é criativo e multifacetado. O interesse divino em beleza e em detalhes é inquestionável quando se olha para o mundo que criou à nossa volta, e as próprias pessoas em particular, como resultado de sua habilidade.

Poderíamos viver em um mundo plano e sem qualquer interesse, que tivesse um mínimo de ingredientes cinzas para dar suporte à vida, uma vida cuja diversidade fosse suficiente apenas para proporcionar uma existência mínima. Ao contrário, vivemos em uma explosão pródiga em diversidade e beleza. Vivemos em um mundo repleto de beleza "inútil", milhões de espécies, e indivíduos de infinita variedade, infinitos talentos, incontáveis habilidades. E isso somente em nosso planeta. Quando olhamos para o céu e observamos a complexidade de riquezas no espaço, a mente se espanta diante da criatividade de Deus.

Isso tudo sem levar em consideração o mundo invisível ao nosso redor que a Bíblia afirma existir; sua riqueza e interesses criativos ainda estão por serem

descobertos. Como se não fosse o bastante, Deus nos deu em forma escrita um livro que abrange toda as emoções humanas, os altos, os baixos, a diversidade dos indivíduos, o bom e o ruim, o feio, o belo, os pecadores, os justos, os pervertidos, os salvos, os perdidos, a poesia, os poetas, a sabedoria, os sábios, as histórias humanas, a realidade da vida repleta de significado, um livro que trata acerca da verdade, e não de ditados religiosos pálidos e estreitos.¹

Por que faço questão de enfatizar esse aspecto criativo e diversificado do nosso Deus? Simplesmente porque como cristãos tudo aquilo que somos e fazemos se baseia em nosso Pai Celestial. Nosso valor supremo deriva do significado com o qual ele nos revestiu como portadores de sua imagem.

Com essa visão nobre da criatividade e de todas as coisas que a acompanham, não é de se admirar que a igreja, embora tendo existido alguns pontos cegos, normalmente sempre teve as artes e a criatividade em alta conta. Em vez de rejeitá-las ou quase ignorá-las, ela abraçou as artes e as habilidades criativas do homem (aquilo que ele faz com sua mente e com suas mãos) como parte do dom gracioso de Deus a nós, portadores de sua imagem.

Não é surpresa olhar para a história do ocidente e da cultura cristã e observar sua herança incomparável no campo das artes. Não é coincidência que essa enorme herança artística e esse envolvimento com a criatividade também coincidiram com aquilo que chamamos consenso cristão. É possível

afirmar que esse consenso cristão deveu sua existência (ao menos em parte) ao fato de que os cristãos e a igreja estavam envolvidos com a arte e a mídia de seus dias. As artes - o veículo da expressão humana - são a raiz de todas as idéias, e as idéias são o fundamento no qual a história está erigida. Iniciativas culturais, as artes e a mídia são de fato a feira das idéias. Cristãos por muitos séculos dominaram a expressão criativa; eles a abraçaram, a apreciaram, a protegeram e se alegraram com ela, tomando-a como manifestação do dom divino aos homens. Não é coincidência o fato de que eles também dominaram a cultura na qual viveram, que houve um consenso cristão.

A lista de cristãos envolvidos com artes e expressão humana através da história é quase interminável e preencheria muitos livros. Bach, van Eyck, Vermeer, Handel, Mendelssohn, Haydn, Shakespeare, os artistas do início da Renascença Italiana, muitas e muitas centenas, talvez milhares de artistas que foram cristãos, que criam na Bíblia e que tinham uma fé verdadeira e viva, ou que ao menos inquestionavelmente operavam dentro do consenso cristão, obtendo força e abrigo a partir de sua estrutura.

A crença comum de que a criatividade vinha de Deus, era boa, e não necessitava de nenhuma justificativa pode ser resumida na citação do grande historiador da arte renascentista Giorgio Vasari. Ele escreveu na segunda edição de seu livro *Lives of the Artists* (Vidas dos Artistas) de 1558:

Por certo o plano existia em absoluta perfeição antes da criação, quando Deus Todo-Poderoso, tendo feito a vasta expansão do universo e adornado os céus com luzes brilhantes, direcionou seu intelecto criativo para o ar puro e a terra sólida. E então, no ato de criar os homens, ele concebeu as primeiras formas de pintura e escultura na graça sublime das coisas criadas. É inegável que os homens, as estátuas e peças de escultura, bem como os desafios das poses e contornos derivaram-se de um primeiro modelo perfeito. Quanto às primeiras pinturas, quaisquer que tenham sido, as idéias de suavidade e de unidade e a harmonia conflitante estabelecida entre luz e sombra derivaram-se da mesma fonte. Estou certo de que qualquer um que considere a questão cuidadosamente chegará às mesmas conclusões que cheguei: a origem das artes que estamos discutindo foi a própria natureza e a primeira imagem ou modelo foi o belo tecido do mundo. O Mestre que nos ensinou foi aquela luz divina infundida em nós pela graça especial, a qual nos tem tornado não somente superiores à criação animal, como também, alguém poderia dizer, semelhantes ao próprio Deus.²

Não é surpresa o fato de que aqueles que tinham uma crença firme de que Deus havia criado todas as coisas, incluindo os homens a quem ele havia feito conforme a sua imagem, produziram a herança artística cristã ocidental que temos. Eles viram Deus como o Autor da criatividade que havia concedido talentos aos homens para que eles os exercitassem.

Esta é a visão tradicional que produziu grandes triunfos no campo da iniciativa artística e da expressão humana por meio da vida dos cristãos.

Eu repito: a arte, a expressão humana criativa e a apreciação do belo não precisam de nenhuma justificativa. A justificativa suprema é que elas chegam a nós como um dom gracioso e benéfico da parte de Deus.

Infelizmente, hoje estamos em uma posição muito contrastante da época de Giorgio Vasari, que viveu no fim da Alta Renascença. Ele podia olhar para trás com admiração e encantamento ao contemplar as conquistas de seus companheiros artistas. Tinha ainda a possibilidade de lançar seus olhos na direção do norte da Itália e para a grande explosão de criatividade (começando com pessoas como Albrecht Dürer) nas partes belga, holandesa e alemã do mundo.

Hoje, como cristão interessado em artes e em iniciativas humanas criativas, olho ao redor e vejo um quadro bem diferente. Contraste em sua mente a realidade de alguns séculos atrás, os Giotto, os Rembrandts, os Bachs, os Handels, os Vermeers, os van Eycks, com a realidade atual.

Em nossos dias, as iniciativas cristãs nas artes são tipificadas pelos conteúdos das parafernalias e acessórios de sua livraria cristã mais próxima. Para a mesa de café, temos um conjunto de mãos unidas em oração confeccionadas com algum tipo de adubo prensado. Os pôsteres cristãos estão prontos para enfeitar suas paredes com pichações cristãs apropriadas para santificá-los e torná-los uma despesa

justificável. Talvez um pequeno cubo plástico com uma semente de mostarda sepultada dentro dele a fim de aumentar a sua compreensão da fé. E, como se não bastasse, uma escova de dente com um versículo da Bíblia estampado no cabo, e um pente com uma ou duas frases cristãs de efeito impressas nele. Sobre uma prateleira frágil estão empilhados muitos CDs. Você pode escolhê-los aleatoriamente, com vendas nos olhos, pois a maioria conterà a repetição dos mesmos slogans espirituais de sempre, reciclados interminavelmente como alimento para os cristãos de nossos dias, cujos cérebros anestesiados pela televisão são incapazes de apreciar a boa música.

Ao sair da loja, as ondas sonoras estão entupidas por uma avalanche de escolha daquilo que geralmente pode ser resumido como lixo, pronto para obstruir sua tevê e seu rádio com programação "cristã". As editoras produzem em série (medidas por toneladas) uma enormidade de páginas que mal podem ser chamadas de livros. Na maioria das vezes, esses agrupamentos de folhas são compostos pelos mesmos temas classificados como "espirituais", repetidos por escritores que estariam mais bem empregados em outro ramo de atividade.

Na verdade, sem tornar a lista interminável, poderíamos resumir dizendo que o mundo cristão moderno e aquilo que é conhecido como evangelicalismo estão marcados na área das artes e das iniciativas culturais por uma característica incontestável: sua dependência da mediocridade.

Essa situação tem produzido frutos amargos, como a interrupção e a destruição dos instintos criativos dados por Deus aos indivíduos. Outros são atormentados por sentimentos de culpa indevidos ao tentar exercitar seus talentos em uma igreja que olha para eles com desconfiança, como se estivessem de algum modo agindo sem responsabilidade, em uma esfera da vida sem nenhuma espiritualidade. Como consequência, vivemos em um mundo sem alegria ao nosso redor, carente de Deus, da criatividade do homem e da plenitude da redenção em Cristo. E, é claro, o fruto mais amargo dessa visão infeliz das artes é a erosão do consenso cristão.

Qualquer grupo que proposital ou inconscientemente abandona o caminho da criatividade e da expressão humana abre mão de seu papel efetivo na sociedade. Em termos cristãos, sua habilidade de ser o sal dessa sociedade é profundamente afetada.

"ESPIRITUALIDADE" E "SECULARISMO"

Há basicamente duas razões pelas quais um indivíduo ou um grupo comete algum erro terrível. A primeira é a completa estupidez e a inabilidade de entender o problema; a segunda é uma visão falsa da verdade em um ponto em particular - em outras palavras, o fundamento errado, os princípios errados e as pressuposições erradas.

Ao observarmos o universo cristão atual, somos tentados a crer que a primeira razão seja o caso. O comportamento na área de artes e na mídia tem feito com que algumas pessoas inteligentes rejeitem o cristianismo por completo ao observarem esse fenômeno. Muitas vezes, parece que a comunidade cristã exibe um Q.I. aproximadamente trinta pontos abaixo do que o de uma água-viva bem retardada.

Refletindo sobre o assunto, penso que seria mais verdadeiro dizer que o trágico desinteresse atual - na verdade o sentimento anticultural e antiartístico da igreja - vem da falta de compreensão das verdades bíblicas e do cristianismo aplicado às artes. Essa incompreensão não surgiu instantaneamente e não pode ser atribuída a um único indivíduo ou herege. Penso que ela se desenvolveu de duas maneiras específicas.

A primeira é aquela que classifico de desenvolvimento teológico; a segunda, de desenvolvimento secular.

No século XIX e no início do século XX (nos círculos protestantes), foi disseminada uma visão de espiritualidade estranha, truncada e não inspirada nas Escrituras. A espiritualidade era vista como algo separado do restante da vida real. Como estava acima das coisas comuns; foi cortada do cotidiano da vida das pessoas. A espiritualidade se tornou algo religioso e passou a ter muito menos a ver com a verdade, com a vida diária e com a aplicação efetiva dos princípios cristãos. Ela passou a ser apenas um fim em si mesma. Sob esse prisma, certas coisas passaram cada vez mais a serem consideradas como "espirituais" e outras como "seculares".

A verdadeira divisão na vida cristã entre um grupo de atividades e outro é aquela linha que chamamos de pecado. Atos e pensamentos pecaminosos devem ser evitados. Tudo o mais deve ser colocado a serviço da vida cristã, se a nossa existência quiser ser verdadeira e plena. Ou Cristo redimiu o homem como um todo, incluindo cada parte de seu ser (exceto as coisas que são pecaminosas), ou ele não o redimiu. Ou a nossa vida toda se submete ao senhorio de Cristo, ou nenhuma parte efetivamente pode estar submissa a ele.

Ou Deus é o criador do homem todo, do universo todo, e de toda a realidade e existência, ou ele não criou nada disso. Se Deus é somente o criador de uma

existência platônica dividida que leva à tensão entre corpo e alma, o mundo material e o mundo espiritual, se Deus é somente o criador de um sentimento espiritualizado que se traduz na expressão "louvado seja o Senhor", então ele não é de modo algum o EU SOU. Quando o nosso cristianismo se permite tornar meramente algo espiritual e interiorizado, sem as expressões externas da presença do Deus encarnado no mundo, nossa fé deixa de ter significado. Acredito que seja o que de fato aconteceu com o cristianismo durante o século XX.

A vida dos cristãos passou a ser compartimentalizada. Isso é espiritual, aquilo não. As artes, a criatividade, a apreciação da beleza, a apreciação da beleza de Deus e até mesmo a apreciação pela Palavra de Deus na Bíblia, foram colocadas de lado. As artes passaram a ser consideradas como não espirituais, inapropriadas e de importância secundária em relação aos alvos mais "elevados" e "espirituais" que deveriam ser alcançados pelo rebanho.

Surgiu também um tipo de hierarquia de espiritualidade. Embora isso tenha ido além da esfera artística, afetando outras áreas da vida cristã, produziu efeitos devastadores para a arte, que passou a ser relegada a uma posição inferior.

Os resultados foram terríveis para as pessoas criativas que viviam nessa estrutura. Ou tinham de se curvar e abandonar seus talentos dados por Deus em favor de uma teologia feita por homens, ou iam

embora viver sua vida longe da igreja. Infelizmente, muitos fizeram a segunda opção. O vazio deixado pelo desaparecimento de pessoas criativas no seio da comunidade cristã tem-se evidenciado especialmente em dois aspectos: falta de habilidade para nos comunicar com o mundo e esterilidade sombria.

O segundo fato, que chamo de "secular", ocorreu durante esse mesmo período histórico. Algo aconteceu no mundo e infiltrou-se na igreja cristã, afetando-a profundamente. Seguindo a teoria darwiniana da evolução (que gerou o conceito da sobrevivência dos mais competentes e da marcha contínua, inexorável e impiedosa da sociedade, e ao utilitarismo industrial do século XIX), as pessoas começaram a olhar para si mesmas e para o mundo ao seu redor em termos puramente pragmáticos.

Assim, a árvore que outrora tinha valor por sua beleza e pela sombra que lançava sobre o chão úmido embaixo de si, agora só tinha valor por causa dos metros cúbicos de papel que podiam ser produzidos a partir dela. Até mesmo o homem passou a ser mensurado por aquilo que poderia alcançar, produzir, ganhar e contribuir. Todos os atributos do homem, seus talentos e iniciativas, tinham de ser justificados de alguma maneira utilitária. Não era mais suficiente dizer que certo atributo humano era um dom dado por Deus e que deveria ser gratuitamente desfrutado e partilhado. Esses dons agora deveriam ser traduzidos em valor utilitário, gerando contribuição monetária ou de algum outro modo para a sociedade. Tinham de se

tornar ferramentas de propaganda, de divulgação ou de geração de recursos financeiros para serem considerados úteis e, portanto, tolerados pela igreja.

A idéia de que indivíduos têm valor em si mesmos porque foram criados à imagem de Deus, quer pudessem contribuir quer não, foi abandonada. O mesmo se tornou verdade em relação aos talentos individuais.

Infelizmente, a igreja também foi contaminada por essa visão. Agora, tudo o que alguém realizava na comunidade cristã tinha de ter correspondência em termos utilitários. Deveria ser útil de alguma forma para a marcha da igreja. Tinha de auxiliar em seus esforços, em seus programas, em sua ênfase no crescimento ou em qualquer outra coisa.

Essa má influência já seria suficientemente ruim por si só. No entanto, pior ainda foi que o padrão de utilidade estava baseado em uma visão falsa de espiritualidade, uma visão tacanha e limitada que selecionava arbitrariamente algumas poucas coisas e as chamava de "vida cristã", "crescimento espiritual" ou algo assim. Isso foi tudo o que restou da vida cristã plena para a qual fomos redimidos. Esses padrões equivocados foram usados para nivelar todas as iniciativas cristãs de acordo com seu valor utilitário para a igreja.

As artes, a política, a mídia, a ética médica, entre várias áreas, foram particularmente afetadas. Em primeiro lugar, foram classificadas como atividades

"não espirituais". Agora, ainda deveriam dar algum tipo de contribuição útil à igreja.

O que restou da beleza e do espírito criativo que Deus nos deu e da participação significativa na sociedade ou na política? Muito pouco.